UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURSO DE BIOMEDICINA

EFEITO DE ANTIPSICÓTICOS TÍPICOS E ATÍPICOS SOBRE DÉFICIT DE MEMORIA DE TRABALHO INDUZIDO POR MK801 EM TAREFA DE ESQUIVA INIBITÓRIA

MARÍLIA MOTA BESSA

PORTO ALEGRE, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURSO DE BIOMEDICINA

EFEITO DE ANTIPSICÓTICOS TÍPICOS E ATÍPICOS SOBRE DÉFICIT DE MEMORIA DE TRABALHO INDUZIDO POR MK801 EM CAMUNDONGOS

MARÍLIA MOTA BESSA

Local: Laboratório de Etnofarmacologia

Departamento de Farmacologia

Instituto de Ciências Básicas da Saúde

Orientadora: ELAINE ELISABETSKY

Co-orientadora: VIVIANE DE MOURA LINCK

PORTO ALEGRE, 2010

AGRADECIMENTOS

À a minha família, que sempre me amou e me apoiou, até quando eu mesma não acreditava em mim. Amo muito vocês.

Mãe, tu foste a minha primeira influência pra entrar no mundo das ciências biológicas, persistir nos meus sonhos e chegar até aqui. Obrigada por não me deixar desistir, me incentivar e apoiar as minhas decisões.

Pai, eu sei que tu não entende muito bem o que eu estudo, mas tu sempre deixaste muito claro que acredita que eu vou dar certo “nessa coisa de ciência”. Obrigada por me mostrar que sempre se ganha mais com um sorriso que com uma testa franzida, que devemos compartilhar e interagir com as pessoas.

Olívia e Guilherme, obrigada por fazer a minha vida mais agitada e cheia de emoções (mesmo quando essas emoções envolviam quebrar vocês dois ao meio). “Irmãos são assim mesmo” e a mãe sempre disse que nos daríamos muito bem quando grandes (todos temos mais de 1,75 m e não vi o fim das brigas ainda).

Aos meus amigos, que só atrapalharam o meu trabalho (e a dieta) com convites pra cervejadas, viagens (indiadas), assistir a filmes, fazer festas. Cada um desses momentos tornou a minha vida muito mais feliz, rica e cheia risadas descontroladas.

Varela, obrigada por estar na minha vida, sempre me guiando e ajudando nas horas que nem mesmo eu me agüento. Tu és especial, guria, e te quiero mucho!

Rodolfo, Gê, Rudá, Marquito, Tales, Gi, Haubrich, Arthur e Ali vocês são pessoas muito especiais para a minha vida e espero que continuemos amigos por muitos anos.

Ao pessoal tão querido do Laboratório de Etnofarmacologia, que me ensinou muito mais que farmacologia ou ciência, me ensinou a discutir por horas assuntos sem qualquer relevância. Curtiram comigo o desafio dos nanopops, as horas de continental, as conversas com chá e cuca.

Elaine, obrigada por toda a paciência (eu sei que eu a testei), todos os ensinamentos de “como ser uma cientista”, além das dicas de organização pessoal e disciplina. Sempre carregarei com orgulho o fato de ter sido tua orientada.

Vivi, tu não conseguiu me educar, mas tentou arduamente! És uma pessoa muitíssimo especial: alegria e “polianismo” assim não se encontra em qualquer esquina. Sem falar do gosto musical impecável (Luiz Caldas está em alta).

Ana, vou tentar não escrever muito pra não discutirmos sobre o teu agradecimento, ok?! Muito dessa minha curiosidade e gosto pela argumentação eu aprimorei contigo. Ainda falta eu ir atrás das informações, como tu faz.

Camila, que (“com seu espírito de liderança”) impulsionou muito do meu TCC, tanto nos experimentos, quanto monitorando meu trabalho por google talk. Tuas história a La Bruna Surfistinha não serão esquecidas.

Cícero, um colega sempre pacífico e solícito. Quando eu achei que não daria tempo de pesar os bichos, lá estava ele pronto pra me ajudar.

Micheli, sempre disposta a me transmitir uma lição aprendida, mesmo quando eu atrapalhava o trabalho dela com perguntas.

À todos que, de alguma forma, contribuíram para que esse trabalho fosse realizado.

ÍNDICE GERAL

RESUMO

Comprometimento da memória de trabalho é uma das alterações cognitivas mais relevantes no cotidiano do paciente esquizofrênico. A melhora cognitiva ainda é questionável, mesmo com uso de antipsicóticos, uma vez que resultados de ensaios clínicos são controversos e estudos pré-clínicos escassos. O objetivo desse trabalho foi avaliar o efeito de antipsicóticos típicos e atípicos na memória de trabalho e no déficit de memória de trabalho induzido por MK801 em camundongos. Para avaliar a memória de trabalho, bem como o seu déficit, usou-se o paradigma de esquiva inibitória, com intervalo de 10 segundos entre treino e teste e choque de 3 mA por 5 segundos. Somente doses de antipsicóticos que não alteraram a atividade locomotora foram utilizadas nos ensaios de memória. Todos os animais tratados com antipsicóticos apresentaram latência de teste significativamente maior que do treino ($p<0,05$) com exceção de clozapina ($p>0,05$). Apenas sulpirida e risperidona foram eficazes ($p<0,05$) quanto à prevenção de déficit induzido por MK801. Os dados sugerem que apenas sulpirida e risperidona apresentam efeito benéfico sobre o déficit de memória de trabalho induzido por antagonista de NMDA em camundongos. Clozapina, além de não prevenir esse déficit, também causou prejuízo na memória de trabalho na ausência de antagonista glutamatérgico.

Palavras-chave: Antipsicóticos, sintomas negativos, déficits cognitivos, farmacoeconomia

1. INTRODUÇÃO

A esquizofrenia é, entre os transtornos mentais, uma das doenças mais angustiantes e incapacitantes. Os primeiros sinais da esquizofrenia surgem, em geral, na adolescência ou no início da vida adulta. Os sintomas incluem distorções do pensamento e da percepção, afetos inapropriados ou embotados, bem como déficits cognitivos (World Health Organization, ICD 2007). Os sintomas da esquizofrenia são classicamente divididos em dois tipos: positivos, que parecem refletir um excesso ou distorção das funções normais, incluem alucinações (mais freqüentemente auditivas), delírios e transtorno do pensamento; e negativos, que parecem refletir uma diminuição ou perda de funções normais, que incluem retraimento social e perda de motivação (American Psychiatry Association, DSM-VI-TR 2000).

Um dos primeiros a classificar os transtornos mentais em diferentes categorias foi o médico alemão, Emile Kraepelin. O Dr. Kraepelin usou o termo “dementia praecox", devido à deterioração das habilidades mentais em pacientes jovens que apresentavam os sintomas que hoje associamos com esquizofrenia (Zec, 1995). A disfunção cognitiva é reconhecida como um déficit primário, que pode estar presente antes mesmo da manifestação clínica dos outros sintomas (Cornblatt et al., 1999), está quase totalmente desenvolvida já no primeiro episódio de psicose (Riley et al., 2000) e tende a persistir em pacientes crônicos independentemente da melhora de outros sintomas (Rund, 1998; Hughes et al., 2003; Laws e McKenna, 1997). Estas alterações cognitivas são um componente central da doença, presentes em até 80% dos pacientes (Keefe e Fenton, 2007) e podem limitar profundamente a capacidade dos doentes em adquirir, manter ou reaprender as habilidades necessárias para a vida (Green, 1996). Grande parte dos pacientes não se casa nem tem filhos, é desempregada ou trabalha em subemprego, bem como apresenta baixo rendimento acadêmico (Thornicroft et al., 2004; Carpenter e Koening, 2008). Estes fatos estão intimamente relacionados ao isolamento social e prejuízo cognitivo característicos da doença (Piskulic et al., 2009). Assim, a melhoria no desempenho cognitivo em pacientes com esquizofrenia tem sido vista como um alvo crucial para o tratamento farmacológico.

Entre as habilidades cognitivas mais prejudicadas em pacientes com esquizofrenia estão: memória verbal, atenção sustentada, função executiva e memória de trabalho (Bora et al., 2010). A memória de trabalho, que envolve o córtex pré-frontal (Goldman-Rakic, 1990), é um processo cognitivo que mantém grande parte do pensamento de ordem

superior, linguagem e comportamento. É a memória que nos permite manter temporariamente, atualizar e trabalhar com informações relevantes. O comprometimento da memória de trabalho é dos déficits cognitivos exibidos pelos pacientes com esquizofrenia o mais consistentemente observado (Park et al., 1999). O prejuízo na memória de trabalho pode ser a base do prejuízo de outras habilidades cognitivas que também estão alteradas na esquizofrenia (Silver et al., 2003).

Antes do advento dos antipsicóticos na década de 50, as opções de manejo da esquizofrenia eram muito limitadas. Lobotomia, tratamento com choque insulínico e eletroconvulsoterapia foram comuns, porém os pacientes permaneciam internados por longos períodos (ou mesmo ao longo da vida) (Berger, 1978).

Quando a clorpromazina foi sintetizada em 1950, procurava-se não um tratamento para psicose, mas sim um anti-histamínico mais eficaz para ser usado em medicação pré-operatória. Graças ao perfil particular de sedação da clorpromazina observado em pacientes no pré-operatório que se mantinham indiferentes ao meio, essa começou a ser usada como tranqüilizante em casos de mania e agitação. Clorpromazina e reserpina começaram a ser usadas em clínica para manejo de pacientes esquizofrênicos (Kapur e Mamo, 2003). Tais drogas foram denominadas primeiramente “tranqüilizantes maiores” (em contraposição aos ansiolíticos), e hoje são chamadas de neurolépticos (graças a indução da síndrome neuroléptica caracterizada por indiferença ao meio e afeto embotado) ou antipsicóticos típicos (em contraposição aos mais novos ou atípicos). Somente décadas mais tarde, com os trabalhos de Seeman e colaboradores (1975, 1976), se descobriu o mecanismo de ação da clorpormazina, ou seja, o bloqueio de receptores dopaminérgicos. Por serem potentes bloqueadores de receptores dopaminérgicos D_2, tais compostos apresentam alta incidência de efeitos adversos motores, especialmente sintomas extrapiramidais e discinesia tardia (Miyamoto et al., 2005). Apesar de suas limitações de eficácia e segurança, a disponibilidade dos antipsicóticos típicos tornou possível a alta hospitalar de pessoas com esquizofrenia e contribuiu para o desenvolvimento de vários tratamentos psicossociais, que mantém os pacientes em contato com a comunidade (Torrey et al., 2001).

Os antipsicóticos típicos mantiveram-se como base da farmacoterapia da esquizofrenia por aproximadamente 40 anos, até a introdução da clozapina, com alegada superioridade sobre os típicos no tratamento de esquizofrênicos. Uma vez que a clozapina tem pouca tendência em produzir efeitos extrapiramidais, discinesia tardia ou elevar os níveis de prolactina, foi descrita como um antipsicótico atípico (Garmendia et al., 1992);

porém pode causar outros efeitos adversos importantes tais como agranulocitose em 1% dos pacientes (Alvir et al., 1993).

No início da década de 90, a indústria farmacêutica produziu uma série de novos antipsicóticos atípicos (risperidona, olanzapina, quetiapina, ziprasidona e aripiprazole) que se assemelham à clozapina por terem uma menor tendência em produzir efeitos extrapiramidais, mas que não causam agranulocitose. Estes medicamentos foram lançados no mercado com supostas vantagens, incluindo melhor eficácia para sintomas positivos do que os típicos, eficácia em sintomas negativos, melhor tolerabilidade e eventual melhora nas funções cognitivas. Sobretudo esses fármacos foram apontados como mais eficientes no manejo dos sintomas negativos, com melhora na qualidade de vida e na redução dos sintomas extrapiramidais, quando comparados com os antipsicóticos típicos (Möller, 2000).

Embora os atípicos produzam menos efeitos extrapiramidais que os típicos, eles apresentam sérios efeitos colaterais metabólicos: aumento de índice de massa corpórea, hiperlipidemia, redução da sensibilidade à insulina, além do aumento da incidência de diabetes. Tais alterações metabólicas tendem a se agravar com o aumento da exposição aos fármacos, reduzindo significativamente o tempo de vida (Hennekens et al., 2005; Auquier et al., 2006; Seeman, 2007). Além disso, a melhoria acentuada dos sintomas negativos e déficits cognitivos por antipsicóticos atípicos ainda não está clara (Lieberman et al., 2005; Keefe et al., 2007).

Ademais, estudos de meta-análise e comparativos de longo prazo entre antipsicóticos típicos e atípicos têm mostrado que os benefícios presumidos, tais como aumento de eficácia sobre os sintomas negativos ou melhor adesão ao tratamento são modestos (Davis et al., 2003) ou inexistentes (Leucht et al., 2003). Somente a clozapina foi mais bem documentada como sendo mais eficaz no tratamento de casos refratários e resistentes à medicação tradicional (Kane et al, 1988; Lewis et al., 2006). Estudos também compararam a eficácia de típicos e atípicos para sintomas cognitivos, com pouca evidência de que estes agentes apresentem efeitos benéficos em funções cognitivas (Buchanan et al., 2010; Daban et al., 2005). Além disso, atualmente não há evidências suficientes que justifiquem o uso de drogas adjuvantes visando a melhora cognitiva de esquizofrênicos (Sumiyoshi et al., 2007).

A maior parte dos custos econômicos associados à esquizofrenia está associada com hospitalização. O custo do tratamento de esquizofrênicos aumentou em até 10 vezes desde a introdução dos antipsicóticos atípicos no mercado; a clozapina, por exemplo, além

de ser mais cara que os típicos requer acompanhamento hematológico periódico, o que aumenta ainda mais os custos do tratamento. Argumentou-se porém que como a medicação tem vantagens claras para pacientes refratários a outras medicações com as quais os pacientes necessitam de hospitalização freqüente e por longos períodos, sugeriu-se que os gastos adicionais da medicação podem ser recuperados através da redução de internações. Assim, foi alegado que os compostos atípicos, apesar de muito mais caros, apresentavam bom custo-benefício, seja por diminuir a freqüência de internações (Hanrahan et al., 2006) ou por melhorar o bem estar do paciente (Burton, 2006).

Um extenso estudo (Aguiar, 2008) realizado no Brasil buscou comparar os gastos do SUS com tratamento para esquizofrenia, entre 1999 e 2005. De acordo com os dados, um ano de vida com qualidade, associando antipsicóticos típicos e acompanhamento psicossocial, variava de U$1.743 a U$ 4.847 por paciente. Quando eram introduzidos antipsicóticos atípicos no lugar dos típicos, esse valor aumentava para U$10.232 a U$ 14.481. O estudo concluiu que, além do tratamento com antipsicóticos atípicos ser mais caro, não apresentou diferença significativa de efetividade.

Apesar de intensa investigação, a etiologia da esquizofrenia está longe de ser compreendida. A maioria das hipóteses evoluiu a partir das bases farmacodinâmicas (modo de ação) das drogas de uso clínico (antipsicóticos típicos e atípicos) ou pelas semelhanças entre os sintomas da esquizofrenia e os efeitos de certas drogas de abuso, como anfetamina (agonista de receptores dopaminérgicos), fenciclidina (PCP, antagonista de receptor NMDA de glutamato) e dietilamida do ácido lisérgico (LSD, agonista dos receptores 5-HT_2) (Tandon et al., 2008). Acredita-se hoje que uma hiperfunção dopaminérgica no sistema mesolímbico (responsável pelos sintomas positivos) acompanhada de uma hipofunção dopaminérgica no sistema mesocortical (responsável por sintomas negativos e cognitivos) - ambas possivelmente resultantes de uma hipofunção glutamatérgica cortical, desempenham papel central na fisiopatologia da doença (Abi-Dargham, 2004; Howes e Kapur, 2009).

Van Den Buuse e colaboradores (2005) publicaram uma revisão sobre a importância de modelos animais em pesquisas sobre esquizofrenia. Eles ressaltam que essa é uma doença mental complexa e não pode ser exatamente reproduzida em roedores. Porém, salientam que tais modelos são interessantes para as pesquisas difíceis de serem conduzidas em humanos - tanto por aspectos técnicos quanto éticos - além de ajudarem no desenvolvimento de novas drogas, na investigação da relação entre áreas do encéfalo com

o comportamento e de mecanismos tanto genéticos quanto neurodesenvolvimentais que estão envolvidos na patologia.

Apesar da complexidade da doença, os modelos com antagonistas de receptores glutamatérgicos NMDA apresentam alguma validade de predição, uma vez que oferecem a oportunidade de estudar drogas com potencial terapêutico para esquizofrenia, e forneceram uma importante base para o surgimento de novas hipóteses que vão além da transmissão dopaminérgica; apesar desse modelo estar intimamente relacionado com a hipótese de hipofunção glutamatérgica da doença. A validade de face desses modelos é razoável, uma vez que os sintomas apresentados por roedores se assemelham à clínica (pacientes sob efeito de antagonistas de NMDA apresentam comportamento comparável aos sintomas positivos, negativos e cognitivos da esquizofrenia); já a validade de construto é limitada já que a patofisiologia da doença ainda não foi completamente esclarecida (Large, 2007).

Assim, pode-se dizer que o custo do tratamento da esquizofrenia aumentou muito desde a introdução dos antipsicóticos atípicos, e que, no entanto, uma melhora igualmente significativa na qualidade de vida do paciente não está claramente comprovada. Os dados da literatura científica, clínicos e pré-clínicos, são controversos quanto às alegadas vantagens que esses novos antipsicóticos apresentam sobre os típicos. Especificamente quanto ao comprometimento da memória de trabalho ainda não há um consenso sobre os efeitos dos antipsicóticos sobre este processo mental.

2. OBJETIVO

Esse trabalho teve como objetivo comparar o efeito de antipsicóticos típicos e atípicos (e estes entre si) sobre a memória de trabalho, bem como sobre o déficit de memória de trabalho induzido por MK801 em camundongos.

3. ARTIGO CIENTÍFICO

Bessa, MM; Linck, VM; Menezes, CB; Herrmann, AP; Elisabetsky, E. **Effect of typical and atypical antipsychotics on working memory deficit in mice.**

3.1 Effect of typical and atypical antipsychotics on working memory deficit in mice.

Marília M. Bessa[1*]; Viviane M. Linck[1]; Camila B. Menezes[1], Ana Paula Herrmann[1], Elaine Elisabetsky[1].

[1]*Laboratório de Etnofarmacologia, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Avenida Sarmento Leite 500/202, Porto Alegre, RS, 90050-170, Brazil.*

[*] Corresponding author:
Marília Mota Bessa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ICBS
Rua Sarmento Leite, 500/202, 90050-170, Porto Alegre, RS, Brazil.
Phone/FAX: 55 51 33083121
likabessa@gmail.com

Abstract

Cognitive deficits are common in schizophrenics and are an important symptom of this disease. Working memory deficits are one of the most compromised cognitive aspects in schizophrenia, with important implications for the patient's daily life. Despite its clinical importance, the effect of antipsychotics in such deficit is not well documented, since clinical trial results are controversial and preclinical studies scarce. NMDA antagonists are widely used as pharmacological tools in animal models because it induces behaviors correlated to schizophrenia positive, negative and cognitive symptoms. The aim of this study was to evaluate the effect of typical and atypical antipsychotics on working memory and MK801-induced working memory deficits in mice. We evaluated the effects of haloperidol 0.125 mg/kg, chlorpromazine 1 mg/kg, clozapine 2 mg/kg sulpiride 10 mg/kg, risperidone 0.05 mg/kg or olanzapine 0.2 mg/kg in step down inhibitory avoidance with 10 sec training-test interval. The effects of this same antipsychotic were also analyzed in MK801-induced working memory deficit in the same task. The difference of latency between training and test sessions was taken as a measure of working memory. All groups showed significantly higher latency in test than in training session ($p<0.05$) except for clozapine ($p>0.05$). Only sulpiride and risperidone were effective ($p<0.05$) preventing MK801-induced working memory deficits. These data suggest that only sulpiride and risperidone have a beneficial effect on the working memory deficit induced by NMDA antagonists in mice. Clozapine did not prevent this deficit, and *per se* caused damage in working memory. These results collaborate to the discussion about the superiority of atypical on treating cognitive symptoms, studies with different doses and task may help in such discussion.

Keywords: classical and atypical antipsychotics, cognitive deficits, schizophrenia, step down, working memory.

1. Introduction

One of the first scientists to classify mental disorders into different categories was the German physician, Emile Kraepelin, who used the term "dementia praecox" to what we now associate with schizophrenia, due to the patients' mental abilities deterioration in an early age (Zec, 1995). Currently, the many symptoms of schizophrenia are subdivided into positive, negative and cognitive (American Psychiatry Association, DSM-VI-TR 2000).

Cognitive deficits are considered a primary cause of the long-term disability and a key feature of schizophrenia, with up to 80% of patients being cognitively impaired (Keefe and Fenton, 2007). The cognitive domains primarily affected in schizophrenia include attention, executive function, working memory, visual and verbal learning and memory (Bora et al., 2010). Deficit in working memory is considered as a core deficit underlying multiple neuropsychological deficits in schizophrenia patients (Silver et al., 2003). Working memory is defined as a temporary storing of necessary fundamental information required for certain tasks as well as for the planning of other more complex cognitive abilities (Baddeley, 2003). In schizophrenia there is a cortical dopaminergic dysfunction, leading to diminished dopamine stimulation, vital for the working memory impairments (Abi-Dargham, 2004).

First generation antipsychotic agents - discovered in the 1950s, also referred as typical antipsychotics - are effective in the treatment of psychotic symptoms, but often cause serious motor side-effects diminishing the adhesion to treatment (Miyamoto et al., 2005). In the early 90s, new antipsychotic agents that less frequently induce such adverse effects were introduced in the clinic. Initially, there was a considerable expectation that these new medication would improve not only schizophrenia positive symptoms, but also the negative and cognitive aspects of the syndrome (Möller, 2000). Unfortunately, however, large clinical trials have shown that second generation or atypical antipsychotics did not attend such initials expectations (Lieberman et al., 2005; Lewis et al., 2006; Leucht et al., 2003). Moreover, and relevant for a life time lasting disease, treatment with atypical antipsychotics is circa to 10 times more expensive than that with older antipsychotics, rightly generating a debate on the actual cost-benefit of the generalized use of atypical antipsychotics (Hanrahan et al., 2006). The lack of an effective treatment for the cognitive impairment in schizophrenics is particularly worrying, considering that deficits in attention, learning, memory and sensory modulation affect patients' ability to adequately perform daily activities, socialize and have a productive life with an acceptable quality.

Considering the allegations and marketing strategies of newer antipsychotics as being more effective in the management of cognitive symptoms in schizophrenics; that the data are scarce and controversial; and the implications of higher cost of such medications, comparative studies on the effect of typical and atypical antipsychotics in both negative and cognitive symptoms are sorely needed. Such comparisons in relevant animal models can contribute not only to the design of proper clinical trials, but also to a better understanding on the molecular basis of cognitive deficits and the effects of specific antipsychotic, ultimately supporting physicians prescribing choices.

The purpose of this study is to investigate the effects of typical (haloperidol and chlorpromazine) and atypical (clozapine, sulpiride, risperidone and olanzapine) antipsychotics in mice working memory (step down inhibitory avoidance task) as well as in MK801-induced working memory deficits.

2. Methods

2.1 Animals

Experiments were performed using male adult albino mice (CF1), from Fundação Estadual de Produção e Pesquisa em Saúde (FEPPS) with 2 months of age (40–50g). Animals were maintained in our own animal facility under controlled environmental conditions (22 ± 1°C, 12h-light/dark cycle, free access to food [Nuvilab CR1] and water), for at least two weeks before the experiments. All animal procedures were approved by the University Ethical Committee (approval number 2007834). Strategies that minimized the number of animals used in each experiment and their suffering were applied.

2.2 Drugs

Haloperidol was used as commercial Haldol® (Janssen Farmacêutica Ltda, SP, Brazil); chlorpromazine, clozapine and sulpiride were purchased from Sigma Chemical Co. (St. Louis, MO); risperidone was purchased from Jassen-Cilag (Wien, Austria); olanzapine was used as commercial Zyprexa® IM (Lilly, Giessen, Germany) and MK801 (dizocilpine) was acquired from Research Biochemicals International (Natick, MA).

Clozapine, sulpiride and risperidone were solubilized in circa 100 μL of HCl (1N), the pH adjusted to 6.0 with NaOH 1N and the due volume complete with distilled water.

Chlorpromazine was diluted in saline (NaCl 0.9%). All other drugs were diluted in distilled water. All drugs were administered i.p. in a volume of 0.1 mL/10 g of body weight.

2.3 Locomotion

To determine the effects of antipsychotics on locomotion the method was adapted from de Moura Linck et al (2008). Activity cages (45×25×20 cm, Albarsch Electronic Equipments with three parallel and one perpendicular photocells) automatically recorded the number of crossings. Mice (n=8–11) were treated ip with saline or one of the antipsychotics (haloperidol 0.125 and 0.25 mg/kg; chlorpromazine 1.0 and 2.0 mg/kg; clozapine 2.0 mg/kg; sulpiride 10.0 mg/kg; risperidone 0.05; olanzapine 0.02, 0.025 and 1.5 mg/kg). 30 minutes after receiving the treatments, mice were individually placed in the activity cages and the number of crossings was recorded for 15 min – the first 5 minutes were considered as exploratory behavior and the other 10 minutes as locomotion.

2.4 Step down inhibitory avoidance

The test used was adapted from Netto and Izquierdo (1985), Maurice et al. (1994) and Barros et al. (2005). The inhibitory avoidance training apparatus was a plastic box with 40×25×25 cm, with a platform (5×5×4 cm) fixed in the center. The floor consists of a grid of parallel bronze bars with 1 mm in diameter with a gap of 1 cm between each bar, where a variable electric potential difference can be applied. In their home cage, mice were habituated to the dimly lit room for at least 30 min before the experiments. Each mouse was placed on the platform and the latency to step down (four paws on the grid) was observed in training and test sessions. In the training session, upon stepping down, the mouse received a 0.3 mA scrambled foot shock for 5 s. Animal training latencies shorter than 3 s or longer than 40 s were excluded from experiments. The test session was performed 10 s after training with the same procedure except that no shock was applied; an upper cut-off time of 300 s was set. The difference in latency between training and test sessions was taken as a measure of working memory. Only doses that did not affect locomotion were used in the step down inhibitory avoidance.

2.4.1 Effect of antipsychotics in step down working memory

Animals (n=9-25) were treated with saline, haloperidol 0.125 mg/kg, chlorpromazine 1.0 mg/kg, clozapine 2.0 mg/kg, sulpiride 10.0 mg/kg, risperidone 0.05 mg/kg or olanzapine 0.2 mg/kg 30 minutes before the training session.

2.4.2 Effects of antipsychotic in MK801-induced step down working memory deficit

Mice (n=11-20) were treated with saline or one of the antipsychotics (same doses as 2.4.1) 1 hour prior to the training session. Saline or MK801 0.05 mg/kg were given 30 min after the first treatment.

2.5 Statistical analysis

The results of locomotion are expressed as mean ± S.D. and were analyzed using ANOVA/Student Newman–Keuls. Data from step down are expressed as median ± interquartile range and were analyzed by Wilcoxon (to compare training and test latencies within the same treatment group) and Kruskal-Wallis/Mann-Whitney (to evaluate differences among treatments). $P<0.05$ was adopted as significance.

3. Results

3.1 Locomotor Activity

As can be seen at Fig 1B haloperidol 0.125 mg/kg, clorpromazine 1 mg/kg, clozapine 2 mg/kg, sulpiride 10 mg/kg, risperidone 0.05 mg/kg, olanzapine 0.2 mg/kg had no significant effects on locomotion ($p>0.05$; $F_{6,75}$ = 2,13), whereas higher doses of haloperidol, chlorpromazine and olanzapine significantly ($p<0.05$; $F_{7,60}$=5,56) diminished locomotion (Fig 1A).

3.2 Effect of antipsychotics in working memory

As can be seen in Fig 2, in control mice test sessions latencies are significantly higher than the training ones ($p<0.05$; Wilcoxon) indicating that working memory was properly accessed with the applied protocol. Kruskal-Wallis shows that there are significant differences in test ($p<0.05$) but not for training sessions ($p>0.05$). Only clozapine was prejudicial to working memory (comparable training and test sessions, Wilcoxon $p>0,05$), while test sessions were significantly ($p<0.05$; Wilcoxon) higher than training latencies for all other antipsychotics.

3.3 Effect of antipsychotics on MK801-indiced working memory deficit

MK801 was effective in inducing working memory deficit since contrary to the working memory revealed by significant ($p<0.05$, Wilcoxon) differences between test and training sessions latencies of control mice , no significant differences are found between test and training sessions latencies of mice treated with saline andMK801 ($p>0.05$, Wilcoxon). Haloperidol, chlopromazine, clozapine and olanzapine had no significant effects ($p>0.05$) on the MK801-induced working memory impairment, whereas sulpiride and risperidone were able to prevent ($p<0.05$) such deficit (Fig 3). Krusall-Wallis indicate no significant differences between training sessions, but a significant difference in test sessions. Mann Whitney test confirms that only sulpiride and risperidone test session latencies are significantly ($p<0,05$) different than control amnesic mice.

4. Discussion

NMDA receptor antagonists, such as MK801, induce behaviors that resemble positive (hyperlocomotion), negative (deficits in social interaction), and cognitive (deficits in working memory) symptoms in rodents, whereas models with dopamine agonists only mimic the positive symptoms of the disease (Powell and Miyakawa, 2006). Accordingly, this study confirms that an acute treatment with MK801 induces working memory deficit. It can be argued that MK801-induced working memory deficit has relevant construct value, since it is believed that the cognitive deficit in schizophrenia is associated with a glutamatergic hypofunction in the prefrontal cortex (Manahan-Vaughan et al., 2008; Rujescu et al 2006); nevertheless, the predictive value of this animal model is still unclear

(Large, 2007), especially given the paucity of clinical results regarding cognition in schizophrenics.

The aim of this study was to compare the efficacy of first and second generation antipsychotics in an NMDA antagonist-induced working memory deficit in mice. Both sulpiride and risperidone had a beneficial effect in the model, whereas chlorpromazine and haloperidol, two typical antipsychotics, as well olanzapine -- contrary to expectations -- did not show significant effects. Surprisingly enough, clozapine not only had no beneficial effects in the memory deficit, but was prejudicial to working memory in untreated mice.

Honey at al. (1999) reported that when treatment was exchanged from typical antipsychotic to risperidone an increased in frontal cortical activation was observed during working memory task. The researchers concluded that the increased regional cerebral blood/;oxygenation may reflect the ability of risperidone to increase cortical dopaminergic activity (most likely due its ability to block 5-HT_{2A} receptors) which could contribute to attenuate working memory defecits. Mehta et al. (2003) reported that sulpiride altered the blood flow, but no significant effects were seen in working memory tasks in healthy volunteers. Given the similarities with the results in mice here shown, we suggest that an increase in blood flow in relevant brain areas may be relevant and beneficial when deficit is present, although not noticeable in normal conditions. It is well established in literature that clozapine has anxiolytic properties, (Mead et al., 2008), and that anxiolitics drugs can affect memory by reducing the speed with which information is processed (Curran, 1999), a feature crucial to working memory. The acute amnesic effects of clozapine found in this study may be related to the anxiolytic property of this drug.

The introduction of second generation antipsychotics in the health market has created high expectations for greater efficiency and safety in the treatment of schizophrenia, compared with the gold standard treatment with typical antipsychotics then available. In spite of the claims of original studies, meta-analysis and systematic reviews have provided only limited support for the alleged superiority of these medications (Jones et al., 2006; Lieberman et al., 2005; Lewis and Lieberman, 2008). Considering the much higher cost of second-generation antipsychotics, such dispute over its actual advantages became even more significant (Leucht, 2009). Polsky et al. (2006) pointed out that most studies - but not all – agree with the claims that treatment with atypical antipsychotics are cost savers compared to the management of the disease with typical medication. Although methodological problems raised questions about the evidences showed in some of these

studies, it is obvious that considering the exponential increase in the cost of schizophrenia treatment, the quality of study design and sturdy results have additional meanings.

In Brazil, the amount spent to provide a year of quality life with typical antipsychotics and psychosocial care, ranges from U$ 1,743.00 to U$ 4,847.00 per patient; when atypical antipsychotics are used instead the figure increases to U$10,232.00 to U$14,481.00 (Aguiar, 2008). The results presented in this study are preliminary and should be complemented with other antipsychotic agents, dose ranges and chronic administration. Nevertheless, we argue that such studies are useful to support the above detailed discussion on the management of cognitive symptoms in schizophrenia and, ultimately, inform decision makers in public health on the cost-effectiveness of different antipsychotics usage.

Acknowledgments

The authors are grateful to CNPq and CAPES for fellowships. This work was supported by the FINEP research grant “Rede Instituto Brasileiro de Neurociência (IBN-Net)” #01.06.0842-00

5. References

Abi-Dargham A. Do we still believe in the dopamine hypothesis? New data bring new evidence. Int J Neuropsychopharmacol. 2004 Mar;7 Suppl 1:S1-5.

Aguiar M. Evolução dos gastos federais com antipsicóticos atípicos no SUS: de 1999 a 2005. Santos: Universidade Católica de Santos; 2008.

American Psychiatry Association. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. Fourth Edition (Text Revision) American Psychiatric Publishing, Inc.; 2000.

Baddeley A. Working memory: looking back and looking forward. Nat Rev Neurosci. 2003 Oct;4(10):829-39.

Barros D, Ramirez M, Izquierdo I. Modulation of working, short- and long-term memory by nicotinic receptors in the basolateral amygdala in rats. Neurobiol Learn Mem. 2005 Mar;83(2):113-8.

Bora E, Yucel M, Pantelis C. Cognitive Impairment in Schizophrenia and Affective Psychoses: Implications for DSM-V Criteria and Beyond. Schizophr Bull. 2010 Jan 2010:36-42.

Curran H. Effects of Anxiolytics on Memory. Hum Psychopharmacol: Clin Exp 1999;14(S1):8.

de Moura Linck V, Herrmann A, Goerck G, et al. The putative antipsychotic alstonine reverses social interaction withdrawal in mice. Prog Neuropsychopharmacol Biol Psychiatry. 2008 Apr.

Hanrahan P, Luchins D, Fabian R, Tolley G. Cost-effectiveness of atypical antipsychotic medications versus conventional medication. Expert Op Pharmacother. 2006 Sep;7(13):1749-58.

Honey G, Bullmore E, Soni W, Varatheesan M, Williams S, Sharma T. Differences in frontal cortical activation by a working memory task after substitution of risperidone for typical antipsychotic drugs in patients with schizophrenia. Proc Natl Acad Sci USA. 1999 Nov;96(23):13432-7.

Jones P, Barnes T, Davies L, et al. Randomized controlled trial of the effect on Quality of Life of second- vs first-generation antipsychotic drugs in schizophrenia: Cost Utility of the Latest Antipsychotic Drugs in Schizophrenia Study (CUtLASS 1). Arch Gen Psychiatry. 2006 Oct;63(10):1079-87.

Keefe R, Fenton W. How should DSM-V criteria for schizophrenia include cognitive impairment? Schizophr Bull 2007 Jul 2007:912-20.

Large C. Do NMDA receptor antagonist models of schizophrenia predict the clinical efficacy of antipsychotic drugs? J Psychopharmacol. 2007 May;21(3):283-301.

Leucht S, Wahlbeck K, Hamann J, Kissling W. New generation antipsychotics versus low-potency conventional antipsychotics: a systematic review and meta-analysis. Lancet. 2003 May;361(9369):1581-9.

Lewis S, Barnes T, Davies L, et al. Randomized controlled trial of effect of prescription of clozapine versus other second-generation antipsychotic drugs in resistant schizophrenia. Schizophr Bull. 2006 Oct;32(4):715-23.

Lewis S, Lieberman J. CATIE and CUtLASS: can we handle the truth? Br J Psychiatry. 2008 Mar;192(3):161-3.

Lieberman J, Stroup T, McEvoy J, et al. Effectiveness of antipsychotic drugs in patients with chronic schizophrenia. N Engl J Med. 2005 Sep;353(12):1209-23.

Manahan-Vaughan D, von Haebler D, Winter C, Juckel G, Heinemann U. A single application of MK801 causes symptoms of acute psychosis, deficits in spatial memory, and impairment of synaptic plasticity in rats. Hippocampus. 2008;18(2):125-34.

Maurice T, Hiramatsu M, Itoh J, Kameyama T, Hasegawa T, Nabeshima T. Behavioral evidence for a modulating role of sigma ligands in memory processes. I. Attenuation of dizocilpine (MK-801)-induced amnesia. Brain Res. 1994 May;647(1):44-56.

Mead A, Li M, Kapur S. Clozapine and olanzapine exhibit an intrinsic anxiolytic property in two conditioned fear paradigms: contrast with haloperidol and chlordiazepoxide. Pharmacol Biochem Behav. 2008 Oct;90(4):551-62.

Mehta M, McGowan S, Lawrence A, Aitken M, Montgomery A, Grasby P. Systemic sulpiride modulates striatal blood flow: relationships to spatial working memory and planning. Neuroimage. 2003 Dec;20(4):1982-94.

Miyamoto S, Duncan G, Marx C, Lieberman J. Treatments for schizophrenia: a critical review of pharmacology and mechanisms of action of antipsychotic drugs. Mol Psychiatry. 2005 Jan;10(1):79-104.

Möller H. State of the art of drug treatment of schizophrenia and the future position of the novel/atypical antipsychotics. World J Biol Psychiatry. 2000 Oct;1(4):204-14.

Netto C, Izquierdo I. On how passive is inhibitory avoidance. Behav Neural Biol. 1985 May;43(3):327-30.

Omori I, Wang J. Sulpiride versus placebo for schizophrenia. Cochrane Database Syst Rev. 2009(2):CD007811.

Polsky D, Doshi J, Bauer M, Glick H. Clinical trial-based cost-effectiveness analyses of antipsychotic use. Am J Psychiatry. 2006 Dec;163(12):2047-56.

Powell C, Miyakawa T. Schizophrenia-relevant behavioral testing in rodent models: a uniquely human disorder? Biol Psychiatry. 2006 Jun;59(12):1198-207.

Rujescu D, Bender A, Keck M, et al. A pharmacological model for psychosis based on N-methyl-D-aspartate receptor hypofunction: molecular, cellular, functional and behavioral abnormalities. Biol Psychiatry. 2006 Apr;59(8):721-9.

Silver H, Feldman P, Bilker W, Gur R. Working memory deficit as a core neuropsychological dysfunction in schizophrenia. Am J Psychiatry. 2003 Oct;160(10):1809-16.

Zec R. Neuropsychology of schizophrenia according to Kraepelin - disorders of volition and executive functioning. European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience. 1995;245(4-5):216-23.

6. Figures

Figure1A

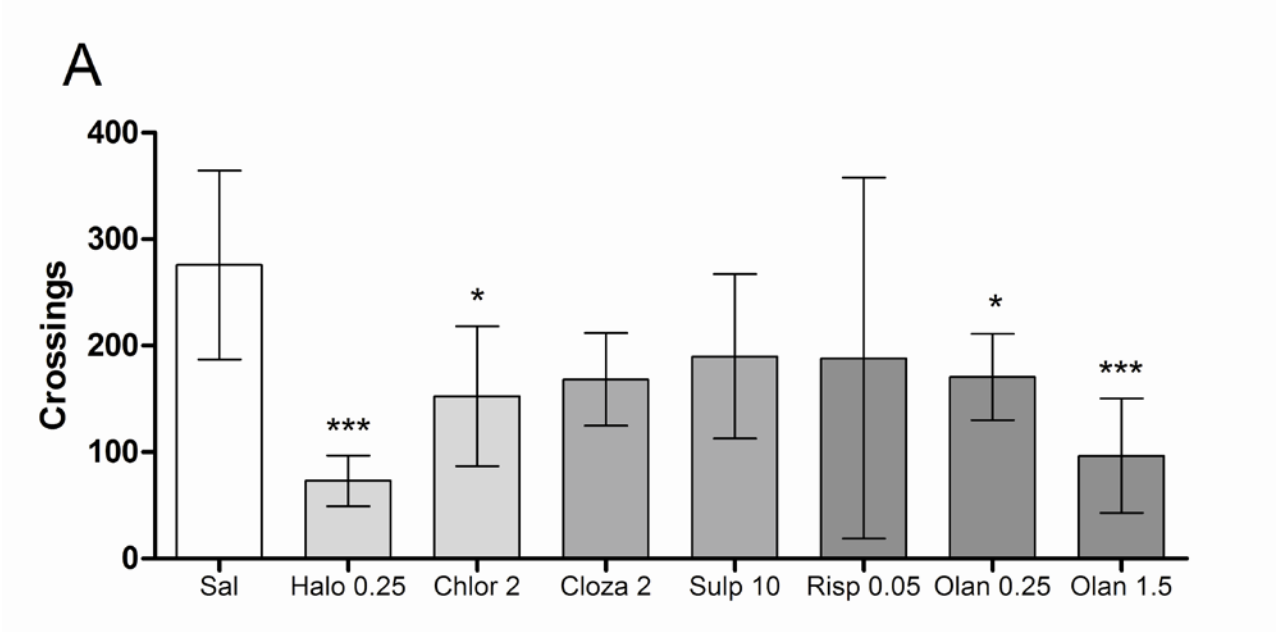


Figure 1B

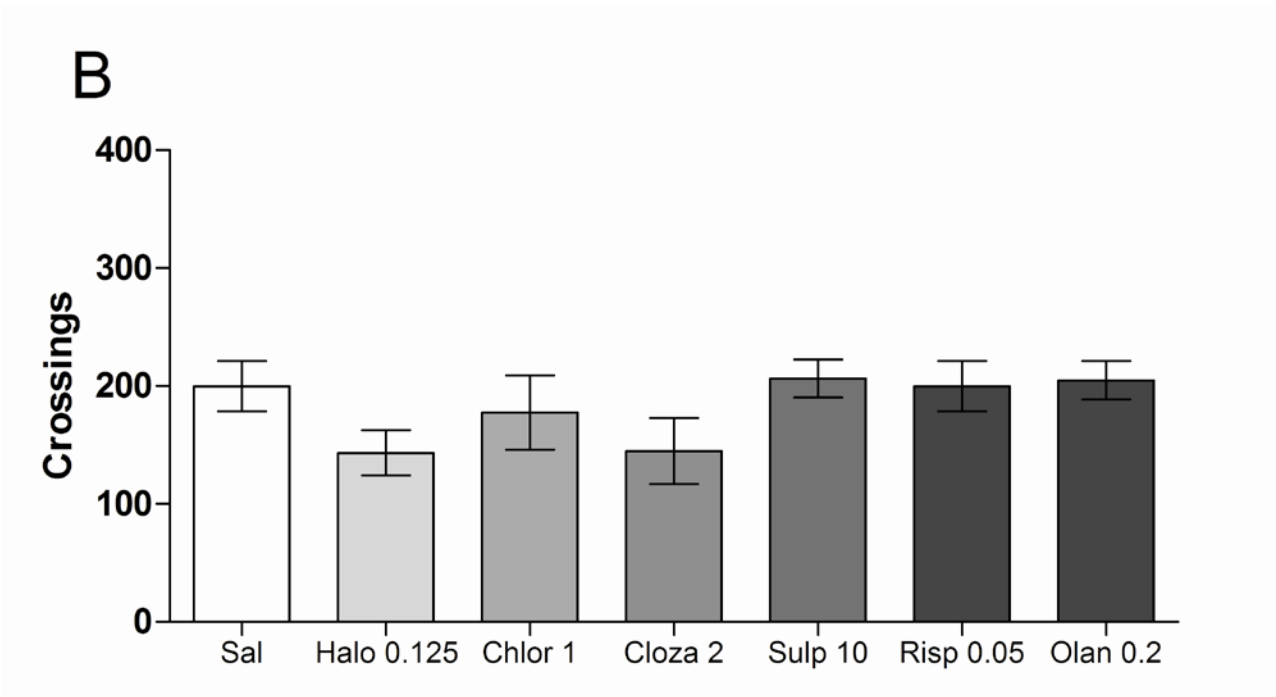


Figure 2

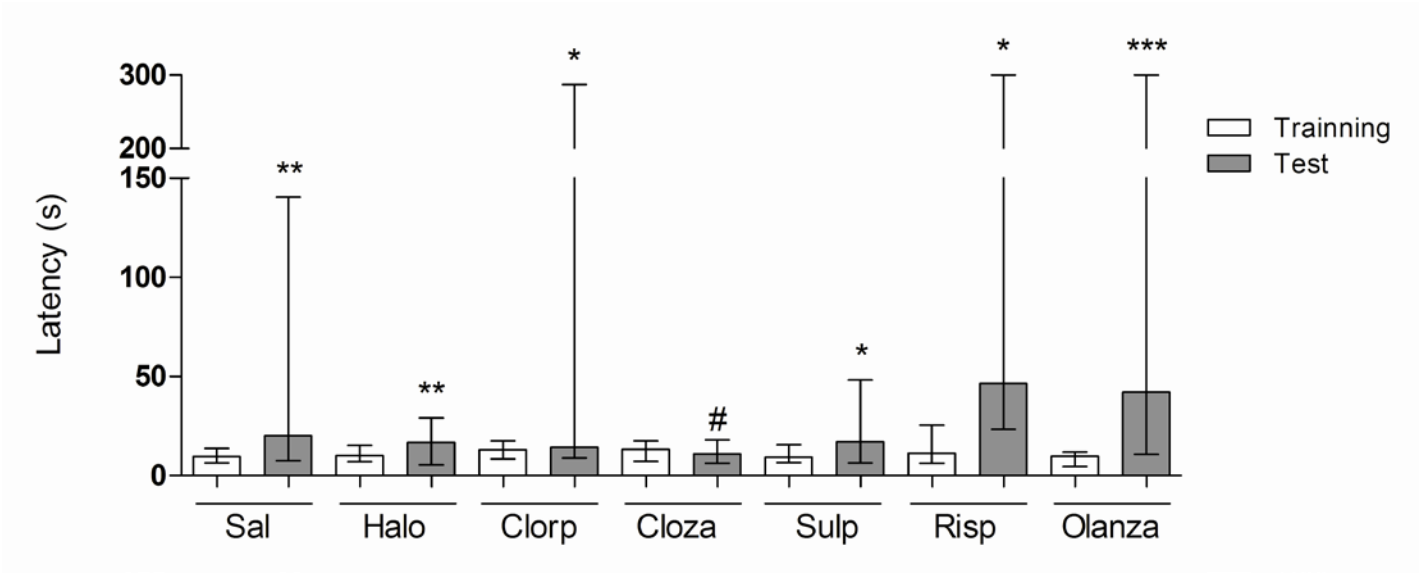
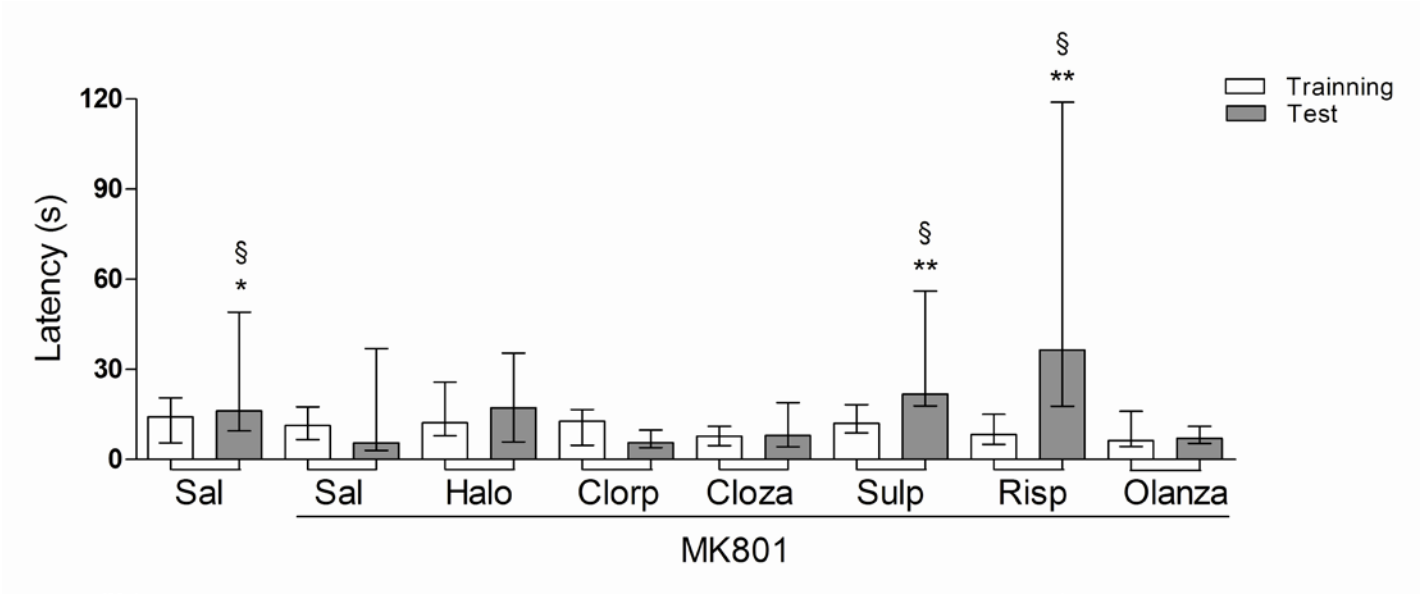


Figure 3



7. Figures Legends

Fig 1: Effect of antipsychotics on locomotor activity. A) Sal = NaCl 0.9%, halo 0.25 = haloperidol 0.25 mg/kg, chlor 2 = chlorpromazine 2.0 mg/kg, cloza 2 = clozapine 2.0 mg/kg, sulp 10 = sulpiride 10.0 mg/kg, risp 0.05 = risperidone 0.05 mg/kg, olan 0.25 = olanzapine 0.25 mg/kg and olan 1.5 = olanzapine 1.5 mg/kg. B) Experiments carried out at a different time of year from those at Fig 1A (higher baseline locomotor activity). All statistical analyses were done within same time-of-year groups; Sal = NaCl 0,9%, halo 0.125 = haloperidol 0.125 mg/kg, chlor 1 = chlorpromazine 1.0 mg/kg, cloza 2 = clozapine 2.0 mg/kg, sulp 10 = sulpiride 10.0 mg/kg, risp 0.05 = risperidone 0.05 mg/kg and olan 0.2 = olanzapine 0.2 mg/kg. Each column represents the Mean±SEM. *=$p<0.05$; ***=$p<0.001$ comparing with saline, ANOVA/SNK.

Fig 2: Effect of antipsychotics on working memory. Sal = NaCl 0.9%, halo = haloperidol 0.125 mg/kg, chlor = chlorpromazine 1.0 mg/kg, cloza = clozapine 2.0 mg/kg, sulp = sulpiride 10.0 mg/kg, risp = risperidone 0.05 mg/kg and olanza = olanzapine 0.2 mg/kg. Each column represents the latencies (sec) median±interquartile ranges of training (light columns) or test (dark columns). *=$p<0.05$ and **=$p<0.01$ comparing training and test latencies within the same treatment (Wilcoxon). #=$p<0.05$ comparing with the control test (Kruskal-Wallis/Mann-Whitney).

Fig 3: Effect of antipsychotics on MK801-induced working memory deficit. Sal = NaCl 0.9%, halo = haloperidol 0.125 mg/kg, chlor = chlorpromazine 1.0 mg/kg, cloza = clozapine 2.0 mg/kg, sulp = sulpiride 10.0 mg/kg, risp = risperidone 0.05 mg/kg, olan = olanzapine 0.2 mg/kg and MK801 = MK801 0.05 mg/kg. Each column represents the latencies (sec) median±interquartile ranges of training (light columns) or test (dark columns). *=$p<0.05$ and **=$p<0.01$ comparing training and test latencies within the same treatment (Wilcoxon); §$p<0.05$ comparing to amnesic control (Sal/MK801) test (Kruskal-Wallis/Mann-Whitney).

4. CONCLUSÃO E PERPECTIVAS

Nosso trabalho mostrou que apenas sulpirida e risperidona, entre os antipsicóticos e as doses testadas, foram capazes de prevenir o déficit de memória de trabalho modelado em camundongos por administração aguda de uma antagonista do receptor glutamatérgico NMDA.

Sulpirida, apesar de ser um bloqueador seletivo do receptor D_2 de dopamina (característica comum a antipsicóticos típicos), apresenta baixa incidência de efeitos extrapiramidais (atributo que o classifica como um antipsicóticos atípico). Propriedades tão distintas podem estar relacionadas com o efeito benéfico de sulpirida sobre o déficit de memória de trabalho. Risperidona também apresentou um perfil útil ao tratamento de déficit de memória de trabalho presente em esquizofrênicos. Possivelmente, essa qualidade está relacionada ao bloqueio de receptores 5-HT_{2A}. A ativação dos receptores 5-HT_{2A} diminui a liberação de dopamina, que no córtex pré-frontal desempenha um papel importante para o bom funcionamento da memória de trabalho.

Também mostramos que haloperidol, clorpromazina, antipsicóticos típicos; clozapina e olanzapina, antipsicóticos atípicos não foram capazes de prevenir o déficit cognitivo induzido por MK801.

Clozapina, a droga de escolha para pacientes refratários, não apenas causou prejuízo na memória de trabalho na ausência de MK801, como também deixou de prevenir o déficit causado pelo antagonista de NMDA. Talvez o prejuízo cognitivo causado pela clozapina esteja relacionada à sua propriedade ansiolítica, uma vez que ansiolíticos podem afetar a velocidade de processamento de informações, habilidade essa central para a memória de trabalho. Estes resultados dado que incita a discussão sobre se essa droga usada como sendo a referência para o tratamento de pacientes refratários a outras abordagens não poderia se acompanhada do uso de agentes adjuvantes com o intuito de prevenir o déficit de memória de trabalho aparentemente induzido por clozapina.

O uso de antagonista de NMDA como modelo de déficit de memória de trabalho apresenta valor de construto, já que acredita-se que o déficit cognitivo na esquizofrenia esteja relacionado com uma diminuição da função glutamatérgica no córtex pré-frontal. Tal modelo apresenta uma boa validade de face já que o tratamento com antagonistas de NMDA induz, em roedores, comportamentos que se assemelham a sintomas positivos, negativos e cognitivos vividos pelo paciente esquizofrênico. No entanto o valor preditivo

desse modelo animal ainda não está claro, apesar de estar intimamente relacionado à hipótese glutamatérgica da esquizofrenia.

Estudos adicionais se fazem necessários para uma melhor análise, com diferentes doses das drogas já testadas, a comparação com outros antipsicóticos presentes no mercado, bem como trabalhos com tratamentos crônicos. Seria também de interesse testar hipóteses sobre a eficácia destes compostos em outros modelos animais de déficit de memória de trabalho, bem como distintas tarefas cognitivas.

Assim, estimando o impacto econômico do elevado custo do uso de antipsicóticos atípicos para o paciente e as dúvidas quanto a sua eficácia em déficits cognitivos em esquizofrênicos, estudos como esses contribuem para uma melhor escolha do medicamento a ser adotado para tratamento, de acordo com o perfil do paciente. Em países onde a verba para saúde pública é limitada, tal perfil é especialmente importante para auxiliar um melhor direcionamento dos recursos.

REFERÊNCIAS

Abi-Dargham A. Do we still believe in the dopamine hypothesis? New data bring new evidence. Int J Neuropsychopharmacol. 2004 Mar;7 Suppl 1:S1-5.

Aguiar M. Evolução dos gastos federais com antipsicóticos atípicos no SUS: de 1999 a 2005. Santos: Universidade Católica de Santos; 2008.

Alvir J, Lieberman J, Safferman A, Schwimmer J, Schaaf J. Clozapine-induced agranulocytosis - incidence and risk-factor in the United States. N Engl J Med. 1993 Jul 15 1993:162-7.

American Psychiatry Association. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. Fourth Edition (Text Revision) American Psychiatric Publishing, Inc.; 2000.

Auquier P, Lançon C, Rouillon F, Lader M, Holmes C. Mortality in schizophrenia. Pharmacoepidemiol Drug Saf. 2006 Dec;15(12):873-9.

Baddeley A. Working memory: looking back and looking forward. Nat Rev Neurosci. 2003 Oct;4(10):829-39.

Barros D, Ramirez M, Izquierdo I. Modulation of working, short- and long-term memory by nicotinic receptors in the basolateral amygdala in rats. Neurobiol Learn Mem. 2005 Mar;83(2):113-8.

Berger P. Medical treatment of mental illness. Science. 1978 May;200(4344):974-81.

Bora E, Yucel M, Pantelis C. Cognitive Impairment in Schizophrenia and Affective Psychoses: Implications for DSM-V Criteria and Beyond. Schizophr Bull. 2010 Jan 2010:36-42.

Buchanan R, Kreyenbuhl J, Kelly D, et al. The 2009 schizophrenia PORT psychopharmacological treatment recommendations and summary statements. Schizophr Bull. 2010 Jan;36(1):71-93.

Burton S. Symptom domains of schizophrenia: the role of atypical antipsychotic agents. J Psychopharmacol. 2006 Nov;20(6 Suppl):6-19.

Carpenter W, Koenig J. The evolution of drug development in schizophrenia: past issues and future opportunities. Neuropsychopharmacol. 2008 Aug;33(9):2061-79.

Cornblatt B, Obuchowski M, Roberts S, Pollack S, Erlenmeyer-Kimling L. Cognitive and behavioral precursors of schizophrenia. Develop and Psychopatho. 1999 SUM 1999:487-508.

Curran H. Effects of Anxiolytics on Memory. Hum Psychopharmacol: Clin Exp 1999;14(S1):8.

Daban C, Amado I, Bourdel M, et al. Cognitive dysfunctions in medicated and unmedicated patients with recent-onset schizophrenia. J Psychiatr Res. 2005 Jul;39(4):391-8.

Davis J, Chen N, Glick I. A meta-analysis of the efficacy of second-generation antipsychotics. Arch Gen Psychiatry. 2003 Jun;60(6):553-64.

de Moura Linck V, Herrmann A, Goerck G, et al. The putative antipsychotic alstonine reverses social interaction withdrawal in mice. Prog Neuropsychopharmacol Biol Psychiatry. 2008 Apr.

Garmendia L, Sanchez JR, Azpiroz A, Brain PF, Simon VM. Clozapine – Strong Antiaggressive effect with minimal motor impairment. Physiol Behav. 1992 Jan;51(1):51-4.

Goldman-Rakic P. Cellular and circuit basis of working memory in prefrontal cortex of nonhuman primates. Prog Brain Res. 1990;85:325-35; discussion 35-6.

Green M. What are the functional consequences of neurocognitive deficits in schizophrenia? Am J Psychiatry. 1996;153(3):321-30.

Hanrahan P, Luchins D, Fabian R, Tolley G. Cost-effectiveness of atypical antipsychotic medications versus conventional medication. Expert Op Pharmacother. 2006 Sep;7(13):1749-58.

Hennekens C, Hennekens A, Hollar D, Casey D. Schizophrenia and increased risks of cardiovascular disease. Am Heart J. 2005 Dec;150(6):1115-21.

Honey G, Bullmore E, Soni W, Varatheesan M, Williams S, Sharma T. Differences in frontal cortical activation by a working memory task after substitution of risperidone for typical antipsychotic drugs in patients with schizophrenia. Proc Natl Acad Sci USA. 1999 Nov;96(23):13432-7.

Howes O, Kapur S. The dopamine hypothesis of schizophrenia: version III--the final common pathway. Schizophr Bull. 2009 May;35(3):549-62.

Hughes C, Kumari V, Soni W, et al. Longitudinal study of symptoms and cognitive function in chronic schizophrenia. Schizophr Res. 2003 FEB 1 2003:137-46.

Jones P, Barnes T, Davies L, et al. Randomized controlled trial of the effect on Quality of Life of second- vs first-generation antipsychotic drugs in schizophrenia: Cost Utility of the Latest Antipsychotic Drugs in Schizophrenia Study (CUtLASS 1). Arch Gen Psychiatry. 2006 Oct;63(10):1079-87.

Kane J, Honigfeld G, Singer J, Meltzer H. Clozapine in treatment-resistant schizophrenics. Psychopharmacol Bull. 1988;24(1):62-7.

Kapur S, Mamo D. Half a century of antipsychotics and still a central role for dopamine D2 receptors. Prog Neuropsychopharmacol Biol Psychiatry. 2003 Oct;27(7):1081-90.

Keefe R, Fenton W. How should DSM-V criteria for schizophrenia include cognitive impairment? Schizophr Bull 2007 Jul 2007:912-20.

Keefe R, Bilder R, Davis S, et al. Neurocognitive effects of antipsychotic medications in patients with chronic schizophrenia in the CATIE Trial. Arch Gen Psychiatry. 2007 Jun;64(6):633-47.

Large C. Do NMDA receptor antagonist models of schizophrenia predict the clinical efficacy of antipsychotic drugs? J Psychopharmacol. 2007 May;21(3):283-301.

Laws K, McKenna P. Psychotic symptoms and cognitive deficits: What relationship? Neurocase. 1997;3(1):41-9.

Leucht S, Corves C, Arbter D, Engel R, Li C, Davis J. Second-generation versus first-generation antipsychotic drugs for schizophrenia: a meta-analysis. Lancet. 2009 Jan;373(9657):31-41.

Leucht S, Wahlbeck K, Hamann J, Kissling W. New generation antipsychotics versus low-potency conventional antipsychotics: a systematic review and meta-analysis. Lancet. 2003 May;361(9369):1581-9.

Lewis S, Barnes T, Davies L, et al. Randomized controlled trial of effect of prescription of clozapine versus other second-generation antipsychotic drugs in resistant schizophrenia. Schizophr Bull. 2006 Oct;32(4):715-23.

Lewis S, Lieberman J. CATIE and CUtLASS: can we handle the truth? Br J Psychiatry. 2008 Mar;192(3):161-3.

Lieberman J, Stroup T, McEvoy J, et al. Effectiveness of antipsychotic drugs in patients with chronic schizophrenia. N Engl J Med. 2005 Sep;353(12):1209-23.

Manahan-Vaughan D, von Haebler D, Winter C, Juckel G, Heinemann U. A single application of MK801 causes symptoms of acute psychosis, deficits in spatial memory, and impairment of synaptic plasticity in rats. Hippocampus. 2008;18(2):125-34.

Maurice T, Hiramatsu M, Itoh J, Kameyama T, Hasegawa T, Nabeshima T. Behavioral evidence for a modulating role of sigma ligands in memory processes. I. Attenuation of dizocilpine (MK-801)-induced amnesia. Brain Res. 1994 May;647(1):44-56.

Mead A, Li M, Kapur S. Clozapine and olanzapine exhibit an intrinsic anxiolytic property in two conditioned fear paradigms: contrast with haloperidol and chlordiazepoxide. Pharmacol Biochem Behav. 2008 Oct;90(4):551-62.

Mehta M, McGowan S, Lawrence A, Aitken M, Montgomery A, Grasby P. Systemic sulpiride modulates striatal blood flow: relationships to spatial working memory and planning. Neuroimage. 2003 Dec;20(4):1982-94.

Miyamoto S, Duncan G, Marx C, Lieberman J. Treatments for schizophrenia: a critical review of pharmacology and mechanisms of action of antipsychotic drugs. Mol Psychiatry. 2005 Jan;10(1):79-104.

Möller H. State of the art of drug treatment of schizophrenia and the future position of the novel/atypical antipsychotics. World J Biol Psychiatry. 2000 Oct;1(4):204-14.

Netto C, Izquierdo I. On how passive is inhibitory avoidance. Behav Neural Biol. 1985 May;43(3):327-30.

Omori I, Wang J. Sulpiride versus placebo for schizophrenia. Cochrane Database Syst Rev. 2009(2):CD007811.

Park S, Puschel J, Sauter BH, Rentsch M, Hell D. Spatial working memory deficits and clinical symptoms in schizophrenia: A 4-month follow-up study. Biol Psychiatry. 1999;46(3):392-400.

Piskulic D, Olver J, Maruff P, Norman T. Treatment of cognitive dysfunction in chronic schizophrenia by augmentation of atypical antipsychotics with buspirone, a partial 5-HT1A receptor agonist. Hum Psychopharmacol Clin Exp. 2009 Aug 2009:437-46.

Polsky D, Doshi J, Bauer M, Glick H. Clinical trial-based cost-effectiveness analyses of antipsychotic use. Am J Psychiatry. 2006 Dec;163(12):2047-56.

Powell C, Miyakawa T. Schizophrenia-relevant behavioral testing in rodent models: a uniquely human disorder? Biol Psychiatry. 2006 Jun;59(12):1198-207.

Riley E, McGovern D, Mockler D, et al. Neuropsychological functioning in first-episode psychosis - Evidence for specific deficits. Schizophr Res. 2000 JAN 3 2000:274-.

Rujescu D, Bender A, Keck M, et al. A pharmacological model for psychosis based on N-methyl-D-aspartate receptor hypofunction: molecular, cellular, functional and behavioral abnormalities. Biol Psychiatry. 2006 Apr;59(8):721-9.

Rund B. A review of longitudinal studies of cognitive functions in schizophrenia patients. Schizophr Bull. 1998 1998:425-35.

Seeman M. An outcome measure in schizophrenia: mortality. Can J Psychiatry. 2007 Jan;52(1):55-60.

Seeman P, Chau-Wong M, Tedesco J, Wong K. Brain receptors for antipsychotic drugs and dopamine: direct binding assays. Proc Natl Acad Sci USA. 1975 Nov;72(11):4376-80.

Seeman P, Lee T, Chau-Wong M, Wong K. Antipsychotic drug doses and neuroleptic/dopamine receptors. Nature. 1976 Jun;261(5562):717-9.

Silver H, Feldman P, Bilker W, Gur R. Working memory deficit as a core neuropsychological dysfunction in schizophrenia. Am J Psychiatry. 2003 Oct;160(10):1809-16.

Sumiyoshi T, Park S, Jayathilake K, Roy A, Ertugrul A, Meltzer H. Effect of buspirone, a serotonin1A partial agonist, on cognitive function in schizophrenia: a randomized, double-blind, placebo-controlled study. Schizophr Res. 2007 Sep;95(1-3):158-68.

Tandon R, Keshavan M, Nasrallah H. Schizophrenia, "just the facts" what we know in 2008. 2. Epidemiology and etiology. Schizophr Res. 2008 Jul;102(1-3):1-18.

Thornicroft G, Tansella M, Becker T, et al. The personal impact of schizophrenia in Europe. Schizophr Res. 2004 AUG 1 2004:125-32.

Torrey W, Drake R, Dixon L, et al. Implementing evidence-based practices for persons with severe mental illnesses. Psychiatr Serv. 2001 Jan;52(1):45-50.

van den Buuse M, Garner B, Gogos A, Kusljic S. Importance of animal models in schizophrenia research. Aust N Z J Psychiatry. 2005 Jul;39(7):550-7.

World Health Organization. Schizophrenia, schizotypal and delusional disorders. ICD version 2007; 2006. p. F20-F9.

Zec R. Neuropsychology of schizophrenia according to Kraepelin - disorders of volition and executive functioning. European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience. 1995;245(4-5):216-23.

ANEXO

Normas do periódico Progress in Neuro-Psychopharmacology & Biological Psychiatry
Guide for Authors

An International Research, Review, and News Journal

US National Institutes of Health (NIH) voluntary posting (" Public Access") policy

Elsevier facilitates author response to the NIH voluntary posting request (referred to as the NIH "Public Access Policy"; see http://www.nih.gov/about/publicaccess/index.htm) by posting the peer-reviewed author's manuscript directly to PubMed Central on request from the author, 12 months after formal publication. Upon notification from Elsevier of acceptance, we will ask you to confirm via e-mail (by e-mailing us atNIHauthorrequest@elsevier.com) that your work has received NIH funding and that you intend to respond to the NIH policy request, along with your NIH award number to facilitate processing. Upon such confirmation, Elsevier will submit to PubMed Central on your behalf a version of your manuscript that will include peer-review comments, for posting 12 months after formal publication. This will ensure that you will have responded fully to the NIH request policy. There will be no need for you to post your manuscript directly with PubMed Central, and any such posting is prohibited.

Exceptions: It is the policy of Elsevier that authors need not obtain permission in the following cases only: (1) to use their original figures or tables in their future works; (2) to make copies of their papers for use in their classroom teaching; and (3) to include their papers as part of their dissertations.

Submission of Articles

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all Authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, without the written consent of the Publisher.

Studies on natural products The journal does *not* publish work on the actions of biological extracts unless the pharmacological active molecular substrate and/or specific receptor binding properties of the extract compounds are elucidated.

Submission Procedure

Web Submission
Web submission is preferred. Use the following guidelines to prepare your article. Visit the submission page of this journal at http://ees.elsevier.com/PNP, where you will be guided stepwise through the creation and uploading of the various files. The system automatically converts source files to a single Adobe Acrobat PDF version of the article, which is used in the peer-review process. Please note that even though manuscript source files are converted to PDF at submission for the review process, these source files are needed for further processing after acceptance. All correspondence, including notification of the

Editor's decision and requests for revision, takes place by e-mail and via the Author's homepage, removing the need for a hard-copy paper trail.
The above represents a very brief outline of this form of submission. It can be advantageous to print this "Guide for Authors" section from the site for reference in the subsequent stages of article preparation.
We accept most wordprocessing formats, but Word, WordPerfect or LaTeX is preferred. Always keep a backup copy of the electronic file for reference and safety. Save your files using the default extension of the program used.

Supplementary Material

Elsevier accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, movies, animation sequences, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. In order to ensure that your submitted material is directly usable, please ensure that data are provided in one of our recommended file formats. Authors should submit the material in electronic format together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. Video files: please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your supplementary information. For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Organization of Manuscripts
Language
Articles should be submitted in English. If English is not their native language, authors are recommended to consult a colleague whose English could be regarded as impeccable. Alternatively, the authors may consider to use an editing service that had provided excellent results with some of our authors. We have successfully negotiated with eight language editing companies to provide language editing services to our authors at competitive rates. American Journal Experts, Asia Science Editing, Diacritech Language Editing Services, Edanz Editing, International Science Editing, ScienceDocs Editing Services and SPI Publisher Services provide language and copy editing services globally to authors who wish to publish in scientific, technical and medical peer-reviewed journals and would like assistance either before they submit an article for peer review or before it is accepted for publication.

Fine-tune your grammar, correct your conjugations and find out more about these services: http://www.elsevier.com/wps/find/authors.authors/languagepolishing.

For Authors in Japan please note that, upon request, Elsevier Japan will provide authors with a list of people who can check and improve the English of their paper (before submission). Please contact our Tokyo office: Elsevier, 4F Higashi-Azabu, 1 Chome Bldg. 1-9-15 Higashi-Azabu, Minato-ku, Tokyo 106-0044, Japan; phone:(03)-5561-5032; fax: (03)-5561-5045; e-mail: jp.info@elsevier.com

Article types are:
• Original articles (full-length and short papers)

• Review articles (mini-reviews or comprehensive reviews
• Letter to the Editor

Each type of article should contain the following parts:
1. Original articles (full length and short papers): 1) title page; 2) abstract; 3) (3-6) keywords; 4) abbreviations; 5) introduction; 6) methods; 7) results; 8) discussion; 9) conclusion; 10) acknowledgments; 11) references; 12) tables; 13) figures; 14) figure legends.

2. Review articles (mini-reviews or comprehensive reviews of cutting edge work, or syntheses of cutting edge work that has been done in the past two years); 1) title page; 2) abstract; 3) (3-6) keywords; 4) abbreviations; 5) introduction.

3. Letters to the Editor. A Letter to the Editor must either be a description of novel clinical cases that are either educational or describe a diagnostic or therapeutic dilemma, or be a comment on an important scientific point that arises out of a paper previously published in PNP&BP. No abstract or keywords should be included, and they should be no longer than 1000 words including references (no more than 10). If appropriate, one table or one figure can be added as supplemental material (to be published as an e-component of the journal only). The Letter should start with "Sir:" and should not have sub-heading.

Specific recommendations for original articles

1. Title page. This should contain:
1.1. Complete title of the article.The title of the paper should be brief; no longer than 100 characters in length, and should capture and communicate the key message of your research to a broader audience. To aid this, abbreviations, unless familiar to a broad audience, should be avoided
1.2. Names of all authors, with an asterisk beside the name of the corresponding author. Where the family name may be ambiguous (e.g. a double name), please indicate this clearly.
1.3. Full mailing addresses of each author, including the name of the institution and the department. Present the Authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. If an Author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a "Present address" (or Permanent address") may be indicated as a footnote to that Author's name.
1.4. Links (lowercase roman letters) connecting authors with their affiliations (all of the authors' names should be on one line and all of their affiliations on another; if authors share an affiliation, they should share the link).

2. Abstract page. This should contain:
2.1. Abstract representing in concise form the purpose, the general methods, the findings and the conclusions of the authors.
2.2. Keywords in alphabetical order, given as an aid to indexing.
2.3. Abbreviations. Whenever an abbreviation other than those listed under General recommendations is used in an article, it is to be defined in text at first mention. An alphabetical list of abbreviations, followed by their full terms, should be placed under the keywords.

3. Body of the text

3.1. Introduction. This section should contain a clear statement of the general and specific objectives as well as the hypotheses which the work is designed to test. It should also give a brief account of the reported literature. The last sentence should clearly state the purpose of the article.

3.2. Methods. This section should contain explicit, concise descriptions of all procedures, materials and methods used in the investigation to enable the reader to judge their accuracy, reproducibility, etc. To increase clarity, headings should be used throughout. For example, the following subheadings, which should be numbered, could be used:

3.2.1. Experimental articles (full length or short papers): Animals, Drugs, Apparatus, Experimental procedure, and Statistical analysis.

3.2.2. Clinical articles (full length or short papers): Patient population, Drug administration, Study design, Assessment instruments, and Data analysis. Depending on the type of article they are preparing, authors could introduce any other subheadings they find useful.

3.3. Results. This section usually contains the experimental data, but no extended discussion of their significance. The results should be illustrated (figures and tables); data are usually easier for readers to grasp if they are represented in graphic or tabular form, rather than discursively. Graphic presentation of data is preferred. Data should not be needlessly repeated in text. Sufficient data may allow interested but non-expert readers to judge the variability and reliability of the results. The section should be well structured using appropriate subheadings.

3.4. Discussion. This should be pertinent to the results. Speculative discussion is not discouraged provided it is based on the data presented. The discussion should be as concise as possible and well structured, using appropriate subheadings.

3.5. Conclusions. A short paragraph of conclusions (5 to 10 lines) should be included.

4. Acknowledgments. These may be included at the end of the text before the References; they should have a separate heading.

5. References.

5.1*Text:* All citations in the text should refer to:

1. *Single author:* the author's name (without initials, unless there is ambiguity) and the year of publication;
2. *Two authors:* both authors' names and the year of publication;
3. *Three or more authors:* first author's name followed by 'et al.' and the year of publication. Citations may be made directly (or parenthetically). Groups of references should be listed first alphabetically, then chronologically.

Examples: "as demonstrated in wheat (Allan, 1996a, 1996b, 1999; Allan and Jones, 1995). Kramer et al. (2000) have recently shown...."

5.2*List:* References should be arranged first alphabetically and then further sorted chronologically if necessary. More than one reference from the same author(s) in the same year must be identified by the letters "a", "b", "c", etc., placed after the year of publication.

Examples:

5.2.1 Reference to a journal publication:

Van der Geer J, Hanraads JAJ, Lupton RA. The art of writing a scientific article. J Sci Commun 2000;163:51-9.

5.2.2 Reference to a book:
Strunk Jr W, White EB. The elements of style. 3rd ed. New York: Macmillan, 1979.
5.2.3 Reference to a chapter in an edited book:
Mettam GR, Adams LB. How to prepare an electronic version of your article. In: Jones BS, Smith RZ, editors. Introduction to the electronic age. New York: E-Publishing Inc.; 1994.p.281-304.

Note shortened form for last page number. e.g., 51-9, and that for more than 6 authors the first 6 should be listed followed by 'et al.' For further details you are referred to "Uniform Requirements for Manuscripts submitted to Biomedical Journals" (J Am Med Assoc 1997;277:927-34), see also http://www.nlm.nih.gov/tsd/serials/terms_cond.html

6. Tables. All tables must be cited in the text, have brief, descriptive titles and be consecutively numbered with Arabic numerals. Information other than that defining the data should be presented as footnotes. Use lowercase roman letters for footnotes. Only horizontal rules should be included, and kept to a minimum.

7. Illustrations. Each illustration should be clearly marked on the reverse side with the name of the corresponding author, the number of the illustration and its orientation (top); use a soft pencil or felt-ripped pen, and do not press hard against the surface.
7.1. Photographs. Photographs should be glossy prints with high contrast. Magnification should be indicated by a line representing the actual scale of reproduction (0.1 μm, 1 μm). Avoid the use of magnification factors whenever possible.
7.2. Line figures. Figures will not be redrawn by the Publisher. They should be black ink on white paper, or black and white prints. Do not place the title of the figure within the figure itself. The size of the lettering should be consistent, taking into consideration the possibility of reduction.
7.3. Colour figures. If together with your accepted article, you submit usable colour figures, then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in colour on the Web (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether these illustrations are reproduced in colour in the printed version. For colour reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article. For further information on the preparation of electronic artwork, please see http://www.elsevier.com/artworkinstructions [Please note: Because of technical complications that can arise in converting colour figures to "grey scale" (for the printed version should you not opt for colour in print), please submit in addition usable black-and-white files corresponding to all the colour illustrations]. Authors should note that a request to revert from full colour to colour only in the electronic publication at the stage of typesetting and proof correction, will require separate editorial agreement, with possible re-review if necessary, and may significantly delay publication of your manuscript.

8. Legends for figures. These should be typed on a separate page, double spaced as part of the text. Legends, should be numbered consecutively in Arabic numerals. Legends should explain the figures in sufficient detail so that repeated referral to the text is unnecessary. Abbreviations in the legends should conform to those in the text.

9. Footnotes. These are best avoided or they should be kept to a minimum. When used, they should be typed at the bottom of the appropriate page and separated from the text by a short line. Footnotes should be used for authors' degrees and positions, proprietary names

and trademarked drugs and other materials not appropriately referred to in the text or in the reference list.

10. Supplementary material: Electronic supplementary material is now accepted to support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, movies, animation sequences, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com.
In order to ensure that your submitted material is directly usable, please ensure that data is provided in one of our recommended file formats. Authors should submit the material in electronic format together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. For more detailed instructions please visit our Corporate Website at http://www.elsevier.com/authors.

General recommendations

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field at their first occurrence in the article: in the abstract but also in the main text after it. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.
The following abbreviations or their properly prefixed multiples and submultiples may be used without definition in the text, tables or figures (Notice to contributors, 1981, *J. Pharmacol. Exp. Ther.*):

Units of mass		*Units of length or volume*	
gram	g	meter	m
mole	mol	micron	μ
equivalent	Eq	Angstrom	Å
microatom	μat	liter (spell out in text)	l
Units of concentration		*Units of time*	
molar (moles/liter)	M	hour	hr
normal (EQ/liter)	N	minute	min
percent	%	second	sec
Units of electricity		*Miscellaneous*	
volt	V	degrees of temperature	°C
ampere	A	gravity	g
cycles/sec	Hz	median doses	LD_{50}, ED_{50}, etc.
		Optically isometric forms	d-, l-, d
Units of radioactivity		routes of drug administration	i.v., i.p., s.c. i.m.
curie	Ci	standard deviation	S.D.
counts per min	cpm	standard error	S.E.
disintegration per min	dpm		
roentgen	r		

Drug nomenclature

Generic names should be used in text, tables and figures. Trade names and the name and city of their manufacturer may be mentioned in parentheses in the first text reference to the drug, but should not appear in titles, figures or tables. Chemical names could also be used. Code numbers could be given in brackets. When a trade name is used, it should be capitalized; general or chemical names are not capitalized. The chemical nature of new drugs must be given when known. The form of drug used in calculations of doses (e.g., base or salt) should be indicated.

Studies on natural products The journal does *not* publish work on the actions of biological

extracts unless the pharmacological active molecular substrate and/or specific receptor binding properties of the extract compounds are elucidated.

Ethical Standards

• The authors declare that all experiments on human subjects were conducted in accordance with the Declaration of Helsinki http://www.wma.net and that all procedures were carried out with the adequate understanding and written consent of the subjects.
• The authors also certify that formal approval to conduct the experiments described has been obtained from the human subjects review board of their institution and could be provided upon request.
• If the studies deal with animal experiments, the authors certify that they were carried out in accordance with the National Institute of Health Guide for the Care and Use of Laboratory Animals (NIH Publications No. 80-23) revised 1996 or the UK Animals (Scientific Procedures) Act 1986 and associated guidelines, or the European Communities Council Directive of 24 November 1986 (86/609/EEC).
• The authors also certify that formal approval to conduct the experiments described has been obtained from the animal subjects review board of their institution and could be provided upon request.
• The authors further attest that all efforts were made to minimize the number of animals used and their suffering.
• If the ethical standard governing the reported research is different from those guidelines indicated above, the authors must provide information in the submission cover letter about which guidelines and oversight procedures were followed.
• The Editor reserves the right to return manuscripts in which there is any question as to the appropriate and ethical use of human or animal subjects.

Proofs

If the e-mail address of the corresponding author is provided, the author will receive his proofs as a PDF attachment to an e-mail. To view these proofs, the author must have Acrobat Reader, which is available free of charge from Adobe (download from http://www.adobe.com/products/acrobat/readstep.html). If no e-mail address is provided, or if the corresponding author prefers page proofs, those will be sent instead. Elsevier will do everything possible to get your article corrected and published as quickly and accurately as possible, both online (ScienceDirect) and in print. ***Therefore, it is important to ensure that all your corrections are sent back to us in one communication.*** Subsequent corrections will not be possible, so please ensure your first sending is complete.

Offprints:

The corresponding author, at no cost, will be provided with a pdf offprint.

Copyright

Upon acceptance of an article, Authors will be asked to transfer copyright (for more information on copyright see http://www.elsevier.com/copyright). This transfer will ensure the widest possible dissemination of information. A letter will be sent to the corresponding Author confirming receipt of the manuscript. A form facilitating transfer of copyright will be provided.

If excerpts from other copyrighted works are included, the Author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by Authors in these cases: contact Elsevier's Rights Department,

Oxford, UK: phone (+44) 1865 843830, fax (+44) 1865 853333, e-mail permissions@elsevier.com. Requests may also be completed on-line via the Elsevier homepage (http://www.elsevier.com/locate/permissions).

US National Institutes of Health (NIH) voluntary posting/"Public Access Policy"
Elsevier facilitates author posting in connection with the voluntary posting request of the NIH (referred to as the NIH "Public Access Policy", see http://publicaccess.nih.gov/) by submitting the peer-reviewed author's manuscript directly to PubMed Central on request from the author, immediately after final publication. Please e-mail us at NIHauthorrequest@elsevier.com that your work has received NIH funding (with the NIH grant/project number(s), as well as name and e-mail address of the Principal Investigator(s)) and that you intend to respond to the NIH request. Upon such confirmation, Elsevier will submit to PubMed Central on your behalf a version of your manuscript that will include peer-review comments, for public access posting 12 months after the final publication date. This will ensure that you will have responded fully to the NIH request policy. There will be no need for you to post your manuscript directly to PubMed Central, and any such posting is prohibited (although Elsevier will not request that manuscripts authored and posted by US government employees should be taken down from PubMed Central). Individual modifications to this general policy may apply to some Elsevier journals and its society publishing partners.

Author enquiries:
For enquiries relating to the submission of articles (including electronic submission where available) please visit this journal's EES page. You can track accepted articles at http://www.elsevier.com/trackarticle and set up e-mail alerts to inform you of when an article's status has changed, as well as copyright information, frequently asked questions and more. Contact details for questions arising after acceptance of an article, especially those relating to proofs, are provided after registration of an article for publication.

For any information regarding the preparation and forwarding of manuscripts, authors may contact
Editorial Office:
PROGRESS IN NEURO-PSYCHOPHARMACOLOGY & BIOLOGICAL PSYCHIATRY
Centre de Recherche du CHUQ(CHUL)
Neurosciences, RC-9800
2705 boul. Laurier
Québec (QC), Canada, G1V 4G2
Tel: (418) 656-4141 (ext: 47979); Fax: (418) 654-2753
Email: pnpbp@neurosciences.ulaval.ca
http://www.elsevier.com/wps/find/journaldescription.cws_home/525488/description#description
http://ees.elsevier.com/pnp/

Disclaimer:
Whilst every effort is made by the publishers and editorial board to see that no inaccurate or misleading data, opinion or statement appears in this journal, they wish to make it clear that the data and opinions appearing in the articles and advertisements herein are the sole responsibility of the contributor or advertiser concerned. Accordingly, the publishers, the editorial board and editors and their respective employees, officers and agents accept no

responsibility or liability whatsoever for the consequences of any inaccurate or misleading data, opinion or statement.